

Faço saber que uma bela manhã, não me lembro já ao certo a que horas, me vi tomado da vontade de dar um passeio, pus o chapéu na cabeça, saí do quarto onde escrevo, ou quarto dos espíritos, desci as escadas a correr e precipitei-me para a rua. Poderia acrescentar que na escada me cruzei com uma mulher que aparentava ser espanhola, peruana ou crioula. Ostentava uma certa pálida e definhada majestade. Devo porém proibir-me estritamente de me deter por dois segundos que seja nesta brasileira, ou fosse ela o que fosse; pois não me é dado desperdiçar nem espaço nem tempo. Tanto quanto consigo ainda lembrar-me hoje, no momento em que escrevo tudo isto, quando pisei a rua aberta, radiosa e animada, dei por mim num estado de espírito romântico e aventureiro que me deixou profundamente feliz. O mundo matutino que se estendia diante dos meus olhos parecia-me tão belo como se o visse pela primeira vez. Tudo o que via me dava uma agradável impressão de amabilidade, bondade e juvenilidade. Depressa

esqueci que pouco antes estivera sentado lá em cima, no meu quarto, a cismar sombriamente sobre uma folha de papel em branco. Era como se toda a tristeza, toda a dor e todos aqueles lúgubres pensamentos tivessem desaparecido, embora pressentisse ainda vividamente, à minha frente e atrás de mim, à maneira de um som, uma certa gravidade. Ansiava alegremente por tudo o que durante aquele passeio pudesse porventura cruzar-se comigo ou vir ao meu encontro. Os meus passos eram pausados e calmos e, ao prosseguir assim o meu caminho, deixava transparecer, tanto quanto me é dado saber, uma postura bastante digna. Gosto de ocultar os meus sentimentos dos olhos dos meus semelhantes, sem contudo me esforçar angustiadamente por fazê-lo, algo que veria como um grande erro e uma tremenda estupidez. Não tinha eu ainda dado mais do que vinte ou trinta passos numa praça ampla e movimentada, quando com ligeireza passou por mim o senhor professor Meili, uma sumidade de primeira categoria. Como autoridade incontestável que era, o professor Meili caminhava com ar sério, solene e majestático; na mão segurava uma inflexível bengala científica que me inspirava pavor, reverência e respeito. O nariz do professor Meili era severo, imponente e afilado como o de uma águia ou de um falcão, e a boca estava juridicamente cerrada e selada. O modo de andar daquele célebre

erudito assemelhava-se a uma lei de ferro; nos olhos severos do professor Meili, escondidos por detrás de sobranceiras espessas, faiscavam a história universal e o reflexo de feitos heróicos há muito ocorridos. O seu chapéu parecia uma potestade impossível de derrubar. As potestades secretas são, de todas, as mais altivas e severas. De um modo geral, porém, o professor Meili comportava-se de forma bastante gentil, como se não sentisse de modo algum a necessidade de deixar transparecer as quantidades de poder e influência que personificava, e a sua figura, não obstante todo aquele ar implacável e duro, era-me simpática, e fazia com que dissesse para comigo que aqueles que não sorriem de forma doce e bela são honestos e dignos de confiança. Pois é sabido que existem patifes que se fingem amorosos e bonzinhos, dotados do terrível talento de sorrir afável e educadamente ao mesmo tempo que cometem as suas crueldades.

Sinto no ar que há por aqui um livreiro e uma livraria; assim como pressinto e me apercebo de que em breve será digna de menção e atenção uma padaria com vistosas letras douradas. Antes, porém, tenho ainda de referir um sacerdote ou pároco. Um farmacêutico da cidade passa a pedalar de bicicleta, com um ar simpático e importante, muito próximo do passeante, ou seja, de mim, bem como um médico do Estado-Maior ou de

regimento. Não há como ignorar e urge referir um modesto transeunte; pois insta-me a que o mencione usando de amáveis palavras. Trata-se de um vendedor de antiguidades e trapeiro que se fez rico. Meninos e meninas correm livre e desenfreadamente à luz do sol. «Deixai-os correr assim à vontade e sem freio», pensei; «a idade há-de um dia assustá-los e refreá-los. E não tardará a fazê-lo, infelizmente.» Um cão refresca-se na água da fonte. Andorinhas, parece-me, chilreiam no céu azul. Uma ou duas senhoras elegantes com saias incrivelmente curtas e de botins coloridos espantosamente finos e altos fazem-se notar, tanto, esperemos, quanto qualquer outra coisa. Saltam à vista dois chapéus de verão ou de palha. A questão com os chapéus de palha para homem é a seguinte: de repente, vejo dois chapéus no ar luminoso e suave, e debaixo dos chapéus estão dois insignes cavalheiros que parecem dar os bons dias um ao outro, tirando e agitando os chapéus. Na presente circunstância, os chapéus são visivelmente mais importantes do que os seus portadores e proprietários. Porém, apela-se muito encarecidamente ao autor que se abstenha de gracinhas e zombarias francamente desnecessárias. O que se lhe pede é que se mantenha sério, e oxalá o tenha agora entendido de uma vez por todas.

Tendo os meus olhos recaído aprazivelmente numa livraria deveras magnífica e bem provida, e sentindo

eu o impulso e a vontade de lhe fazer uma rápida e fugaz visita, não hesitei em entrar no estabelecimento com evidentes boas maneiras, muito embora me tenha permitido pensar que talvez me vissem mais como um inspector e revisor oficial de contas, como um recolector de informações e um requintado conhecedor, do que como um estimado e bem-vindo comprador abastado e bom cliente. Com uma voz polida, extremamente cautelosa e, como é evidente, fazendo uso das expressões mais apropriadas, procurei informar-me sobre as últimas e melhores novidades no domínio das belas-lettras. «Poderia eu porventura», perguntei timidamente, «ficar a conhecer e aprender a apreciar, neste mesmo instante, o que há de mais genuíno e sério e, como tal, evidentemente, também o que é mais lido, mais rapidamente reconhecido e comprado? Ficar-lhe-ia devedor da mais elevada e excepcional gratidão, caso tenha a imensa gentileza de me mostrar o livro que, como seguramente ninguém saberá tão bem quanto o senhor, suscitou e continua a suscitar vivamente o maior agrado junto do público de leitores, bem como junto da tão temida e, por isso mesmo, sem dúvida, também adulada crítica. Não imagina quão interessado estou em saber desde já qual é, de todos os livros e labores da pena que aqui estão empilhados e expostos, esse livro favorito em questão, cuja visão muito provavelmente, como me é dado supor

da forma mais vibrante possível, fará de mim desde logo um exultante e entusiasmado comprador. A ânsia de ver o escritor predilecto do mundo culto e a sua admirada e efusivamente aclamada obra-prima, e de provavelmente, como antes referi, a comprar de imediato, formiga-me e percorre-me o corpo de alto a baixo. Posso pedir-lhe gentilmente que me mostre esse livro de tão grande sucesso, para que o desejo que se apoderou de todo o meu ser se veja satisfeito e deixe de me inquietar?» «Com todo o gosto», disse o livreiro. Desapareceu como uma flecha do meu ângulo de visão, mas, passando apenas um instante, já estava de volta, dirigindo-se ao ávido comprador e interessado, trazendo na mão o livro que era de todos o mais vendido e lido, de valor verdadeiramente perene. Segurava o precioso produto do espírito tão cuidadosa e solenemente como se fora uma relíquia com poderes santificantes. O seu rosto estava em êxtase; da sua expressão irradiava a mais elevada veneração e, com um sorriso nos lábios, como só os crentes e os homens profundamente imbuídos de convicção são capazes de sorrir, colocou diante de mim, da forma mais cativante, o que trouxera consigo. Observei o livro e perguntei:

«Pode jurar que este é o livro mais amplamente divulgado do ano?»

«Sem dúvida alguma.»

